

TRINHA LIVE

28
ABRIL
1973

À Biblioteca Pública de

SEMANÁRIO DE BRAGA TICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Marciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

CALAMIDADES

MELHORAMENTOS

5.ª COLUNA

LOCAIS

Quem, como eu, está habituado desde há longos anos a auscultar os queixumes dos empresários deste país, já não se atemoriza com as apregoadas crises de que se vem falando — mormente agora com a preocupação da mão de obra e a emigração.

Vive-se sob o signo da calamidade, como resultado do pessimismo que sempre foi apanágio do português, procurando-se, porém, jugular tais crises no âmbito de panaceias bem ou mal urdidas.

E por mais que o Governo pense, legisle e enfrente o Progresso, há sempre meia dúzia de descrentes que se afoitam em fazer descrever os outros.

Por exemplo. Em 24 de Março do corrente ano o Subsecretário de Estado do Comércio, dr. Vaz Pinto, reuniu na delegação do Porto do Fundo de Fomento variados empresários a fim de dentro da temática da exportação, abordarem os seus pontos de vista, a fim de que aquele Ministro pudesse obter a ideia mais ou menos exacta do que se deveria e poderia fazer.

Logo, evidentemente, aquela concentração de industriais de vários sectores, ao apresentar sugestões — que era o que o Ministro pretendia — logo as ligaram aos habituais queixumes pela carência de matérias-primas, em qualidade e condições de preço internacionais, pelo problema de emigração dado que os trabalhadores, depois de se formarem profissionalmente, vão embora para a Alemanha, França, Bélgica e outros países da Europa, o que cria a maior dificuldade para os diferentes sectores da indústria portuguesa.

Enfim, uma calamidade! Desta vez, porém, o ilustre representante do Governo lançou o desafio à Indústria portuguesa em certas palavras, dialogando com os empresários, pois referiu que o problema da emigração é um problema nacional e que não pode ser resolvido por via administrativa. A solução concreta — disse o Ministro e muitíssimo bem — depende da melhoria das condições económicas do país em que as empresas desempenham o papel fundamental,

pois se a produtividade do trabalho está dependente da aptidão natural ou adquirida pela formação profissional do trabalhador, ainda mais depende da capacidade dos responsáveis para organizar e administrar as empresas, por forma a que se utilizem eficazmente os equipamentos industriais, adoptando e explorando a fundo os evoluídos processos da técnica seja realizar uma autêntica gestão empresarial e tecnológica.

Deste modo — digo eu agora — é capaz de desaparecer a calamidade da mão de obra dos exagerados salários, da malfadada emigração, argumentos que só têm servido para desvirtuar a inépcia duns tantos empresários que o Governo pretende levar a

se actualizarem, de forma a o nosso parque empresarial se lançar na integração económica económica europeia de que tanto Portugal carece para se levantar da letargia atávica que vem vivendo.

Não há dúvida que a calamidade é apanágio nacional pela vivência pessimista a que sempre nos votamos.

Em próximo artigo poderemos apresentar outras tantas palavras proferidas pelo Ministro dr. Mota Campos, que só vieram corroborar as dialogadas com os empresários reunidos na delegação do Porto do Fomento de Exportação pelo Ministro dr. Vaz Pinto.

Militão Porto

SNOBISMO

Por esta santa terrinha de L. M. grassa uma espécie de epidemia chamada snobismo. Há-o nos locais frequentados, no vestir, no falar, no trato quotidiano, em tudo.

Snobismo deriva da palavra inglesa «snob» que, por sua vez, vem do latim «sine nobilitate» — plebeu. Noutros tempos os ingleses consideravam-se quase todos nobres; e os que o não eram escreviam aquela expressão latina após o nome, o que deu snob, abreviado de «sine nobilitate». Daí talvez os plebeus se sentissem recalçados por não terem sangue azul — o que os levaria a serem exibicionistas. Daí talvez a origem do «rótulo» posto aos presunçosos. A propósito da *fidalguité* que em tempos houve em Portugal, conta-se a seguinte anedota: dizia-se a um cão: fuge cão! que te fazem barão. E ele respondia, amargurado: para onde se eu já sou visconde?..

Para o leitor não versado nesta matéria vamos apresentar a hierarquia por ordem crescente: escudeiro, barão, visconde, conde, mar-

quês, duque e arquiduque.

Os espanhóis também tiveram sempre um certo sentido das proporções na cor do sangue. O tipo que Cervantes immortalizou no «D. Quixote de La Mancha» é disso exemplo. Não digo que isto seja pecha anglo-saxónica, apesar dos «Sirs» da Grã-Bretanha e dos racistas da África do Sul, com o seu «Apartheid». Tão-pouco característica étnica dos do Sudoeste da Europa — que muitos pretendem lusitanos. Não. O que parece é que o portuguêsinho é de sua natureza pedante — o da metrópole e seus derivados. Por exemplo: A uma reunião, mesmo particular, tem de se ir enfatuado, gravata ao pescoço. Outrora o uso da gravata era tido pelos comunistas como costume burguês; hoje chega-nos a notícia de que na Rússia alguns cidadãos barafustaram que também queriam gravatas... E o Estado teve que lhas dar.

Se os punhos de renda, os fraques e colarinhos engomados acabaram, porque

(Continua na 4.ª página)

Chegam-nos notícias de que poderemos anunciar em breve que sobre petições que envolvem melhoramentos da maior importância caiu a decisão final e decisiva de quem de direito.

Por essas decisões são atribuídas ao Concelho participações substanciais que tornarão possível a realização de obras da maior projecção e alcance para o desenvolvimento presente e futuro.

Já ninguém põe em dúvida que vivemos um período de grandes realizações mas essas participações incrementarão ainda mais esse progresso, até porque são de grande volume.

A iniciativa particular tem desempenhado uma grande função entre nós tornando-se uma alavanca poderosa para que se realizem as aspirações locais. Bom será que a ela se junte a ajuda do Estado já que os réditos Municipais não permitem realizações importantes, a não ser o incentivo aos que que querem e podem fazer.

O arranque do Hospital de Amares

Temos conhecimento de que se fazem as últimas diligências para que o Hospital de Amares entre em funcionamento, passando, assim, a cumprir inteiramente a sua alta função.

Nessas diligências está envolvido, com toda a sua vontade e decisão de vencer, o sr. dr. A. Eleutério de Macedo, director do Centro de Saúde e médico distinto do nosso meio.

Não são poucas as dificuldades a vencer, designadamente as que advêm do facto de um Hospital precisar de uma equipa de trabalho e o meio ser pequeno. Estamos, no entanto, convencidos que as diligências e trabalhos serão levados a bom termo e que se verificará em breve o dito arranque.

Oxalá possamos em breve dar a notícia que desde há muito se aguarda, de que os doentes poderão ser recebidos e recolhidos naquela casa.

Podia esta Coluna ir encimada com «Lisboa, tantos de tal». Não calhou, pois já regresssei de uma estadia de oito dias. Uff! é muito tempo para estar na capital. Almoçar com este. Jantar com aquele: Bons amigos, não há dúvida. Mas torna-se maçador. Eu que vou ali ver os filhos e a neta, pouco tempo estou com eles. Mas isto não é nada. O pior é ser preciso ir a qualquer parte. Anda-se, anda-se e nunca mais se chega. De automóvel, de autocarro, de eléctrico ou a pé. Então, Leitor, os lisboenses, habituados como estão à longjura, já se tornaram parolos. Digo parolos, por eles assim nos apelidarem, a nós, os do Norte, pois os do Sul são saloios. Mas na questão de distância, estão mais saloios que os deles ou mais parolos que nós. É costume, nas aldeias perguntar-se a um habitante onde fica o local que pretendemos visitar. Vem logo a resposta: «É já ali!» Andam-se quilómetros e o «ali» aparece. Ora Lisboa está na mesma. Isto aconteceu com o meu genro. Perguntei-lhe onde ficava o Ministério do Ultramar. Resposta: é no Restelo — é perto. Do Rossio lá são só oito quilómetros! E é perto. Quer dizer: estão mentalizados como os parolos, quanto a distâncias. Para o lisbonense de hoje, tudo é perto e tudo é barato, quando a coisa é ao contrário: o perto é longe; o barato é caro!

Mas a verdade é que Lisboa continua naquela senda de progresso a que nenhuma cidade Portuguesa se vota. Setúbal está a comparar-se-lhe, mas a velocidade é menor. Fui encontrar Lisboa, de ano passado para este, carregada de viadutos, túneis, sinalização perfeita quer para piões, quer para faniqueiras. Tudo regulado electrónicamente. Dinamismo e maior quantidade de gente. Menos molengas nos cafés e nas leitarias. Lisboa até tem progredido no trabalho. Hoje o lisboeta já pode apodar-se de trabalhador. É que dantes criara-se este estribilho: «Lisboa, goza, o Porto trabalha, Coimbra estuda e Braga reza». Afigura-se-me que a coisa mudou. Há necessidade de trabalhar para

«Continua na 4.ª página»

Várias Notícias de Caires

Decorreu na melhor ordem, respeito e fé, a Visita Pascal nesta freguesia de Caires, no passado Domingo de Páscoa. O itinerário foi o mesmo dos anos anteriores.

Acompanharam as duas Cruzes, belamente ornamentadas, além do Rev. Pároco, Padre Calisto Vieira, o Senhor Padre Acácio Gonçalves, Dig. mo Reitor do Santuário da Abadia, e um Seminarista das Missões Católicas Portuguesas. O mordomo foi o Senhor Manuel da Silva, do lugar do monte de cima acompanhado de seus filhos António, José, e Manuel, distinto aluno do Seminário de Montariol, que assim viu cumprida tão solenemente, a sua promessa feita de ser mordomo, em Acção de Graças pela saúde de seus filhos trata-se de uma família santa, numerosa, e profundamente Cristã. É digna de ser ajudada pela Divina Providência.

A Banda de música de Vilar-Chão, de Vieira do Minho acompanhou as Cruzes, que muito agradou, na forma dos anos anteriores. Esta banda já ficou contratada para o ano que vem pelos novos mordomos que são: Joaquim António Fernandes, do lugar do Roupeiro; Francisco da Silva Fernandes, do lugar de S. Vicente; António da Costa, do lugar da Igreja, e o jovem Abílio Joaquim Malheiro de Araújo, do mesmo lugar da Igreja. Oxalá que façam uma grande festa da Páscoa, como foi a deste ano. Parabéns a todo o povo de Caires pela sua fé e entusiasmo.

* * * * *

— Também no passado Domingo, deslocou-se a Caires, o Senhor Presidente da Câmara, Senhor Dr. Paulo Macedo acompanhado de uma seleta e brilhante Comissão da Feira Nova, que foram inaugurar uma nova estrada que liga o lugar do Paço Velho ao lugar da Borralha onde ali foi também inaugurada a luz eléctrica. Agora, aqueles lugares estão muito bem servidos de luz e estradas. Essa estrada vai seguir em direcção ao alto de S. Pedro Fins onde se disfruta um panorama belo e encantador, único no Concelho de Amares. Parabéns e as nossas efusivas saudações e agradecimentos às nossas queridas autoridades que trabalham com muita canseira pelo progresso de Caires e de todo o Concelho. Um abraço muito sincero lhes dirige, em nome do povo, agradecido, o humilde pároco de Caires, que deseja a todos a continuação de uma feliz Páscoa na terra e finalmente uma Páscoa eterna, no Céu. Amen.

P.º Calisto Vieira

ANEDOTAS

Numa rua movimentada, um ardina passa, ligeiro, carregado de Jornais, e apregoa:

— Formidável burla... grande burla... 50 vítimas.

Um homem chama-o e compra o jornal! Percorre os títulos das notícias e depois exclama:

—Mas não há notícia de nenhuma burla!...

Já longe, o irrequieto ardina grita:

—Grande burla!... grande burla... 51 vítima!

* * *

Ele — tu, mulher, quando casamos, prometeste obedecer-me.

Ela — Querias que eu fizesse zaragata na igreja, à frente do padre?

Ludovina Pontes

ANIVERSARIO

Armandino da S. Abreu Dias

No passado dia 27 do corrente, festejou o seu aniversário o nosso colega de trabalho impressor, Armandino da Silva Abreu Dias, natural desta Vila.

Por tão feliz data, seus colegas, que estimam o «Jota» desejam-lhe que esta data se comemore por anos sem fim, são também estes os votos de sua família.

Parabéns

MÃE

Minha Mãe! Hoje recordei-me, mais uma vez, do sorriso que tu usavas quando eu era criança. Os teus olhos, esses que continuam a ser tão belos, cheios de sentimentos e tão carinhosos. Eles, já há 18 anos iluminam a viagem da minha vida e hão-de iluminar-me ao longo de todo o meu caminho.

Eu sei, pela experiência da minha infância, que me amas.

Eras tu, mesmo sem poderes, que me alimentavas. Já, maior, eras tu que me sentavas, com todo o jeito, à mesa onde comias, isso confundia-me.

E num perdão de arrependimento pelas minhas faltas Mãe, eu, hoje, quero abraçar-te e dizer-te baixinho, nesta carta, que é para ti, que te amo muitíssimo.

Finalmente, peço a tua benção:

Maria Clara Machado de Sousa — Barreiros

ASSUNTOS NO BRASIL

Até 30 do corrente, compro no Rio de Janeiro e S. Paulo, casas, apartamentos, Direitos de Heranças totais ou indivisas e Acções do Banco do Brasil.

Informa:

Telefone 62267

Amares

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

A viúva não sentia pena ou saudade do marido, lamentando apenas que ele tivesse morrido num gabinete reservado. A duquesa, essa, em obediência à sua espantosa maldade, só pensava em apresentar Dolores como sendo a mais baixa e viciosa de todas as mulheres, e a quem só interessava o dinheiro.

E assim, calculadamente, à sucapa, a má mulher ia atizando o fogo do descrédito da pobre rapariga, atirando mais hachas para o lume da má fama, aumentando sem cessar a fogueira.

«Da calúnia, alguma coisa fica», diz o provérbio. E a duquesa, cínicamente, ia dando razão ao provérbio, difamando a infeliz donzela!

A «CIGARRA DE OIRO»

Dolores, armada com o gládio da sua honestidade e defendida pelo escudo da sua vida de rapariga digna que a maldade humana pretendia destruir, saiu de casa disposta a pôr as coisas no seu devido lugar.

Desde que a sua consciência lhe dizia que era inocente e pura e não tinha nada de que acusar-se, marchava altiva, sem o menor receio das bocas do mundo, se bem que uma dor profunda lhe roesse o coração, como se fosse um cancro.

Não podia esquecer que o seu noivo estava preso e ainda menos a insólita atitude de que a mãe dele usara para com ela. Menos esquecia ainda que perdera a sua querida Carmencita.

Todos estes pensamentos lhe causavam, não só uma grande mágoa, mas também uma justa indignação.

Dirigiu-se à rua de Ministriles e entrou num portal de aspeto mesquinho de onde nascia uma escada por milhões de pés que sobre ela tinham passado. Era uma escada que ameaçava ruína, e as paredes muito enegrecidas proclamavam ali o império da miséria.

Dolores subiu até às águas furtadas.

Parou junto de uma porta de madeira apodrecida e cuja pintura tinha desaparecido por completo. Da própria fechadura pendia um pedaço de corda enxovalhada, que Dolores puxou.

A porta abriu-se, e aos olhos da atribulada rapariga apresentou-se um quadro verdadeiramente desolador, lastimoso e triste, como

não é fácil imaginar.

Era uma trapeira sórdida, miserável, de tecto baixo e esconso o que obrigava as pessoas a andarem curvadas dentro de casa. Ao fundo, uma fresta com vidros partidos. Para evitar que o vento e a chuva entrassem dentro da mísera habitação, tinham substituído os vidros por papéis e até por bocados de linhagem muito suja. Mesmo assim, esses grandes inimigos da pobreza, que são o vento, o frio e a chuva, ainda conseguiam passar através desses obstáculos ali postos para impedir-lhe a entrada, sem que o conseguissem em absoluto. O pior é que esses perservativos impediam, até certo ponto, a entrada dos raios de sol, que tanta falta faziam naquela casa!

A um canto, sobre uma velha e miserável cadeira, tapada com um velho lençol, cheio de passagens, estava deitada uma pobre mulher já velha, quase nua, pois apenas tinha uma velha saia e um xaile pelos ombros, e na cabeça um pobre lenço muito enxovalhado.

Era uma velha muito magra, com as maçãs do rosto extremamente salientes, parecendo que os ossos lhe queriam romper a pele. Tinha os olhos encovados no fundo das órbitas, os lábios completamente descolorados, sem a mais ligeira pinga de sangue.

E, todavia, o seu aspecto não causava repugnância, mas apenas dó!

Havia nos seus tristes olhos cansados, uma expressão de resignação, e lealdade que despertava uma certa simpatia. Percebia-se que a pobre criatura não tinha a menor maldade.

Aos pés da cama, sobre uma velha cadeira coxa e desconjuntada, havia uma candeia já apagada por falta de combustível, e uma garrafa com um rótulo de farmácia, no qual se lia:—«Uso externo».

Um gato, esquelético, saudou a entrada de Dolores, com um miau quase imperceptível, roçando-lhe as pernas com felina voluptuosidade.

—Sou eu, senhora Filipa!—disse a rapariga, ao entrar.

—Ainda bem que vieste, minha boa Lolita!—murmurou a velhota, com uma voz muito fraca — Mas ainda não é a hora de sair do trabalho, pois não?... Parece-me ainda tão cedo... Eu nem sei a quantas ando!...

—O trabalho?!... Ah!... Se a senhora Filipa soubesse...

—Aconteceu-te alguma coisa?...

—Eu já conto. Em primeiro lugar, diga-me: como tem passado?

—Nem eu sei, filha... Doi-me o corpo todo! Não posso mexer esta perna...

—Deve ser do frio. Tem caído tanta neve...

—Sim, o frio tem sido muito, realmente!

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Páscoa em Carrazedo

A generosidade do tempo auxiliado pela educação cívica actual do povo português permitiu que o compasso em Carrazedo fosse, mais uma vez, um cartaz de propaganda de Amares e especialmente da terra aonde repousam as cinzas do inolvidável poeta Sá de Miranda. Em todas as freguesias do concelho a visita Pascal constitui um número impar, diferente, embora integrado na mesma doutrina que não seja praticada com o mesmo fervor religioso. A doutrina Cristã tanto pode ser portadora de grande alegria como pode ser também a inoculação de uma tristeza, depende da maneira como as coisas devem ser compreendidas ou, por vezes, mal explicadas. Em Carrazedo o programa tradicional foi respeitado e cumprido com ordem e disciplina e para isso concorreu o pastor amado pelo povo que ele preparou desde o primeiro dia que entrou para essa terra já descrente do verdadeiro amparo que possa garantir a felicidade terrena a todos os mortais, que a procuram e só encontram no Templo Sagrado de Cristo.

Por promessa feita, veio da França com a família o Sr. Domingos Ferreira Fernandes que foi o mordomo da Cruz no Compasso. Razões fortes e ponderosas justificam a promessa que todos devemos acatar com respeito, se temos Fé e Devoção. A sua promessa revestiu-se de ordem espiritual porque queria que a banda de música de Amares o acompanhasse na satisfação completa dos seus desejos. Lá estava esse harmonioso conjunto com as suas garbosas fardas e com o seu actual regente Sr. Ramada de cujo talento ninguém pode duvidar. Esperamos que não sejamos só nós a tecer elogios do programa musical e ao sacrifício dos elementos que tanto impressionaram os milhares de forasteiros que levaram de Carrazedo, mais uma vez, as mais agradáveis impressões. Portanto, e para finalizar, diremos que a boa música e os actos religiosos públicos, fazem parte da atracção turística e uma lição gratuita que a igreja oferece a quem desconhece tão valiosos argumentos, tanto musicais como Cristãos. Parabens a quem se sacrifica pela felicidade do povo e que tão longe leva o nome de Amares.

Mulheres Portuguesas

As portuguesas sempre, através da História, jamais ficaram atrás das mulheres estrangeiras, tanto no amor, como o provam as famosas cartas escritas por Sôror Mariana Alcoforado ao Conde Chamillez, nada ficando a dever às letras de M-me Savigné, como em actos de coragem e heroicidade. Na defesa da justiça, liberdade, até em favor dos humildes, tal como Isabel no milagre das rosas, muito embora esta não tivesse atingido o sublime de Lady Godiva...

— E se os Irlandeses tem hoje uma jovem chamada Bernardette Devlin, os americanos podem-se orgulhar de possuir uma Jane Fonda — a quem o Vietname deve em grande parte ao actual cessar fogo — Portugal, teve também, há um século, uma grande actriz chamada Eugénia Infante da Câmara. Apaixonada pelo maior poeta brasileiro de todos os tempos, Castro Alves — deixa o teatro troca os aplausos das plateias, os vestidos caros, a riqueza, para ser a rotina colaboradora do seu amado, que, apenas lhe podia oferecer; Lado a lado, percorrendo todo o Brasil, aplaudidos por, Machado de Assis, Ruy Barbosa e José Bonifácio, sobretudo pela mocidade, vão acabar combatendo pela República e pela abolição da escravatura que se verificou mais depressa por causa da sua influência. O trabalho forçado dos negros, vendidos como simples gado teve o seu fim para dar a essa raça toda a liberdade, respeito e carinho que hoje disfruta na mais poderosa nação da América do Sul. O que estamos a fazer nas províncias Ultramarinas já o fizemos no Brasil o que prova a nossa força de sentimentos humanos e Cristãos.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrazedo

Amares

ALFAIATES

Fábrica de Pronto-a-Vestir, em Lisboa, precisa.

Bons salários

Semana americana.

Informa esta Redacção

Vida Local

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, 28, passa o aniversário natalício da S.ra D. Maria Izabel dos Santos Araújo.

No dia 29, festeja mais um aniversário o menino António Camilo da Silva Dias, filho dos nossos assinantes srs. Armando Joaquim Dias e D. Rosinha Pena.

No próximo dia 1 de Maio passa o seu aniversário natalício a sra. D. Elsa Mendes Tomé.

No dia 5 a sr. D. Teresa Augusta Dias Pereira.

* * *

No passado dia 22, festejou o seu aniversário a sra. Maria de Jesus da Silva Ribeiro a quem sua família residente em França deseja muitas e muitas felicidades.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Câmara Municipal

— DE —

AMARES

AVISO

José Alves Coelho de Azevedo, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares:

Torna público, nos termos do art.º 18.º da Lei 2015 de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até ao dia 10 de Maio próximo futuro se encontra patente no Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, o recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional, do corrente ano para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar até 15 do mês de Maio, para o presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no artigo 19.º da citada Lei 2015.

Câmara Municipal de Amares,
27 de Abril de 1973

O Chefe da Secretaria,

José Alves Coelho de Azevedo,

Melhoramentos em Caires

No passado dia 22, dia de Páscoa, o sr. Presidente da Câmara deslocou-se à ridente freguesia de Caires onde, na presença das autoridades locais, inaugurou um troço de estrada e respectiva iluminação, o que causou, como é natural, grande alegria na freguesia, mormente nos habitantes do referido lugar.

No momento oportuno o sr. Presidente da Junta local sr. Luís de Sousa, proferiu algumas palavras de elogio à obra, disse do contentamento da população, e agradeceu, em nome de todos ao sr. Presidente da Câmara Municipal dr. Paulo Macedo.

A finalizar afirmou: «Estamos todos unidos no mesmo espírito de solidariedade para sustentar e defender os interesses nacionais. Somos um só povo, formando uma só Nação com um Governo único.

Para o sr. Presidente da Câmara, que tem o pensamento constantemente consagrado aos problemas do nosso Concelho, eu peço uma valente salva de palmas.

O meu muito obrigado em nome da freguesia.»

Assim findou a inauguração de uma obra que dignifica a Junta local e todos os que para ela contribuíram.

Capitão Vilalobos: «O congresso pretende combater tudo quanto ameaça a unidade e a grandeza de Portugal»

«É preciso dizer que o nosso esforço foi em defesa de uma causa justa e digna e que nós não procurámos de maneira nenhuma defender os interesses económicos de alguns, mas que lutámos, na realidade, para que se pudesse continuar a trabalhar no Portugal africano em prol de uma sociedade desconhecida por muitos, ignorada do mundo, que é uma sociedade multirracial, multicontinental, justa e livre» — sublinha, na entrevista hoje dada ao matutino Lisboa «Diário de Notícias», o capitão João Vilalobos, mutilado de guerra na luta contra o terrorismo em Moçambique e um dos promotores do Primeiro Congresso dos Combatentes do Ultramar, que vai realizar-se na cidade do Porto de 1 a 3 do próximo mês de Junho.

Afirmando que «o Congresso pretende combater tudo quanto ameaça a unidade e a grandeza de Portugal», o capitão Vilalobos refere que entre os objectivos daquela reunião se encontra, também, o estudo de soluções práticas para os problemas dos militares desmobilizados e, sobretudo, para os que, devido à guerra, ficaram fisicamente deficientes.

«Queremos — afirma — lançar um programa de reuniões futuras, com o objectivo de revitalizar as instituições a que se associam combatentes e dar-lhes o apoio possível, para que se mantenham os laços de amizade criados e para os ajudar a resolver os seus problemas específicos, problemas relacionados com a mulher, com os filhos, com a família, os quais devem ser automática e imediatamente decididos.»

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Gasa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62143
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66153
Bombeiros Voluntários de Amares	62162

«A RIVAL» — CASA DE PASTO
DE
ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — Papas de sarrabulho e Cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162



com Antracol
não diga porque sim
"diga porque sei"

- Porque sei que tem poderosa acção fungicida.
- Porque sei que evita o desavinho ou atraso de vegetação.
- Porque sei que não provoca o choque cúprico.
- Porque sei que devido às suas qualidades se deve utilizar para aplicação exclusiva da 1.ª à última cura.
- Porque sei que Antracol garante a máxima eficácia no combate contra a excoriose — uma doença pouco frequente.
- Porque sei que Antracol responde, positivamente, à confiança da Lavoura que sabe.
- Porque sei que marca perfeitamente de azul as videiras tratadas.
- Porque sei que Antracol responde, positivamente, à confiança da Lavoura que sabe.
- Porque sei que é, na sua aplicação um dos fungicidas mais económicos do mercado.

Antracol é Bayer



Porque sei que...
Antracol
vence o Mildio
e também a excoriose

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

SONETO

Ser humano é um ser de Deus eleito,
É ter pelas misérias compaixão,
É sentir a bater dentro do peito
Um bom, um generoso coração.

É ver, no que é disforme, o que é perfeito,
É não recusar esmola ou oração,
É olvidar que a vida é só defeito,
É praticar o Bem com devoção.

É esquecer, cá do Mundo, o que é vaidade,
É nas almas formar a caridade
Mostrando-lhes o exemplo de Jesus.

É dar aos pequeninos só bondade,
É não deixar esquecer a humildade,
Olhando bem de frente a eterna Cruz!

EM BRAGA

PREFIRA
RESTAURANTE AVENIDA
DE
Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga

2.ª Publicação



Tribunal Judicial da Comarca

— DE —

AMARES

ANÚNCIO

No dia NOVE do próximo mês de MAIO, pelas 15 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de carta precatória vinda do Sétimo Juízo Cível do Porto e extraída dos autos de execução por custas e pedido que o Ministério Público move contra os executados AMANDIO JOSÉ DA SILVA e mulher MARIA ARMANDA DA SILVA VILELA, do lugar do Terreiro, freguesia de Santa Maria de Bouro, desta Comarca, vai ser posto em praça para se arrematar ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, um moinho de lagar de azeite, com duas galgas, penhorado àqueles executados.

Amares, 9 de Abril de 1973

O Juiz de Direito

Alfredo Jaime Menéres Correia
Barbosa

O Escrivão

Guilherme José da Silva

SALVÉ - 30 - 4 - 73

José Antunes Gonçalves

No próximo dia 30 festeja o seu aniversário natalício o jovem José Antunes Gonçalves.

Seus colegas desejam-lhe que passe um dia muito feliz e que esta data se repita por infindáveis anos.

Parabéns

Snobismo

«Continuação da 1.ª Página»

se teima em manter a gravata—além disso nada prática? Quanto a mim, achava mais prático e elegante o lacinho, à laia de gato de botas. O que é para admirar é que os russos, que chamam aos outros burgueses e reaccionários, venham agora com aquela da gravata. Porque (isto cá para nós) o que é que a indumentária vem pôr ou tirar a alguém?

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

que a rentabilidade apareça. É gasta-se, também é verdade. Aí tem, Leitor, a minha visão de uma visita a Lisboa. Se lá for, não se esqueça de levar a carteira recheada e as pernas desenvolvidas para calcurrear quilómetros...

EME ABRIL

1.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA

— DE —

AMARES

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito da comarca de Amares, na acção com processo sumário pendente nesta Secretaria, movida por AVELINO DE ALMEIDA PEREIRA e mulher MARIA ELVIRA GONÇALVES, e ARTUR EUGENIO PEREIRA e mulher PAULINA DOS ANJOS DA CUNHA, todos do lugar da Ponte do Porto, freguesia de Prozelo, contra ARMANDIO DIAS RIBEIRO e mulher MARIA DAS DORES GALVÃO TELES, proprietários, esta residente no mencionado lugar da Ponte do Porto e aquele em parte incerta da França e com último domicílio conhecido no mesmo lugar da Ponte do Porto, freguesia de Prozelo, desta comarca, é o referido ré citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de DEZ DIAS que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob cominação de vir a ser condenado no pedido que os autores deduzem naquele processo, e que consiste em: a) ser definido e declarado o direito de servidão de escoamento existente a favor do prédio dos autores e onerado o prédio dos réus; b) serem os réus condenados a abrirem imediatamente os boeiros ou enxurreiros e a restituírem o sistema de escoamento à forma anterior e antiga; c) serem os réus condenados a pagar aos autores a indemnização que vier a ser liquidada em execução de sentença; e, d) serem condenados nas custas e condigna procuradoria.

Amares, 26 de Abril de 1973

O Juiz de Direito,

Alfredo Jaime Menéres Correia
Barbosa

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Leia
Propague e assinie
«Tribuna Livre»